



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)

ANA LÚCIA SANTOS DE REZENDE
LOMANA SANTOS DE REZENDE

O PAPEL DOS PROFESSORES NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO
COLÉGIO GOV. LOURIVAL BAPTISTA EM PORTO DA FOLHA-SE, UMA
DIMENSÃO DO PROBLEMA

São Cristóvão -SE
Fevereiro de 2016

ANA LÚCIA SANTOS DE REZENDE
LOMANA SANTOS DE REZENDE

**O PAPEL DOS PROFESSORES NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA NO
COLÉGIO GOV. LOURIVAL BAPTISTA EM PORTO DA FOLHA-SE, UMA
DIMENSÃO DO PROBLEMA**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado em forma de Plano de
Intervenção em cumprimento a uma das
exigências para obtenção do título de
especialista no Curso de Especialização
em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente
Escolar (Escola que Protege).**

**Eixo temático: Violência, drogas e evasão
escolar.**

**Professora Orientadora: Ma. Maria
Erica Santana de Souza**

**São Cristóvão -SE
Fevereiro de 2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Rezende, Ana Lúcia Santos, 2016.

O papel dos professores no enfrentamento da violência no Colégio Gov. Lourival Baptista em Porto da Folha-Se, uma dimensão do problema / Lomana Santos de Rezende. – 2016. 45 f.: 30 cm.

Orientador: Ma. Maria Erica Santana de Souza.

Plano de Intervenção / Monografia (lato sensu) – Universidade Federal de Sergipe / Centro Superior de Educação a Distância. Eixo temático: Violência, drogas e evasão escolar, 2016.

1. Violência na escola. 2. Formação dos professores I. Souza, Maria Erica de Santana. II. O papel dos professores no enfrentamento da violência no Colégio Gov. Lourival Baptista em Porto da Folha-Se, uma dimensão do problema.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA- CESAD
REDE NACIONAL DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO
AMBIENTE ESCOLAR "ESCOLA QUE PROTEGE".

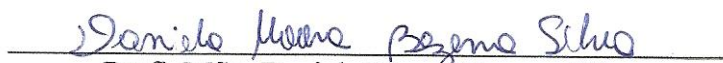


COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção dos/as discentes Ana Lúcia Santos de Rezende, e Lomara Santos de Rezende, sob o título, *"O papel dos professores no enfrentamento da violência no Colégio Gov. Lourival Batista em Porto da Folha-SE, uma dimensão do problema"*, defendido e aprovado em 27 de fevereiro 2016 pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:


Prof.^a MSc. Maria Érica Santana de Souza
Presidente


Prof. MS Williams Souza Silva
Membro Titular


Prof.^a MSc. Daniela Moura Bezerra Silva
Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Nossos mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível:

A Deus, por sua infinito amor e misericórdia a nos envolver com persistência e coragem em meio as dificuldades.

A nossa professora orientadora, Ma. Maria Erica Santana de Souza, pelo auxílio, paciência e disponibilidade de tempo, sempre com compreensão e incentivo em todo o trabalho.

Aos nossos familiares pelo apoio e compreensão das ausências necessárias para que o trabalho pudesse ser concluído e pudéssemos chegar até aqui.

RESUMO

O presente trabalho, realizado no Colégio Estadual Gov. Lourival Baptista, localizado em Porto da Folha-SE tem por objetivo ainda fomentar as discussões sobre essa temática e propor alternativas adequadas voltando-se especificamente a realidade da escola. Tendo como instrumentos metodológicos para traçar esta realidade a aplicação de questionários aos professores de ensino médio e a partir de observações dos pesquisadores. A partir desse estudo nota-se que não muito diferente do que já se tem visto na literatura, a violência na escola é um tema que precisa ser discutido e trabalhado com constância em todos os níveis que compõe a educação, sendo aqui enfatizados os professores os quais se mostram também possíveis agentes diretos nesse enfrentamento ao mesmo tempo buscando unir cada vez mais os órgãos de proteção da criança e do adolescente. Além disso promover ações educativas que informem e abram espaços de discussão revela uma alternativa sólida nesse contexto. Nesse sentido, portanto, constatou-se que a boa formação dos professores pode ser uma alternativa válida para o enfrentamento da violência no contexto escolar.

Palavras-chaves: violência na escola, formação dos professores

ABSTRACT

This work, carried out in Gov. Lourival Baptista State College, located in Porto Leaf-SE aims to foster further discussions on this issue and propose suitable alternatives by turning specifically the reality of school. With the methodological tools for drawing this fact the application of questionnaires to high school teachers and from observations of the researchers. From this study it is noted that not much different from what has already been seen in the literature, violence in schools is an issue that needs to be discussed and worked steadily at all levels that makes up the education, being emphasized here the teachers which also show possible direct agents that coping at the same time seeking to unite more and more child protection agencies and adolescents. Also promote educational activities to inform and open discussion forums reveals a solid alternative in this context. In this sense, therefore, it was found that good teacher training can be a valid alternative to addressing violence in the school context.

Key words: violence in schools, teacher training

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO	8
1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO	18
CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO	31
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

É sabido que muitos professores não tiveram em sua formação clareza sobre o enfrentamento da violência nas escolas, bem como outros problemas e dificuldades que geralmente se encontram no contexto escolar. Muitos professores, por exemplo, desconhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ou pensam como algo “desnecessário”, mas que na verdade precisam todos os dias aplicar princípios contidos nesse estatuto e ao desconhecerem ficam perdidos nas tomadas de decisões exigidas no cotidiano da escola. Ter um referencial norteador na prática docente bem como na postura exigida do professor, faz do ECA e seus aparatos uma ferramenta muito importante nesse contexto.

Este Plano de Intervenção, portanto, tem como público alvo os professores, mais especificamente professores do ensino médio do Colégio Estadual Lourival Baptista localizado em Porto da Folha-SE, em que se busca identificar falhas na formação dos professores, as quais poderão ser detectadas com aplicação dos questionários, entendendo nesse contexto os desafios encontrados pelos professores e ainda propor alternativas, ao enfrentamento de dificuldades, como um ciclo de palestras com o objetivo de ser agente formador e de mudança no enfrentamento da violência na escola. Dessa forma a partir de um diagnóstico obtido através de aplicação de questionários, direcionados a estes professores pretende-se entender a realidade escolar quanto à violência e a superação desta no ambiente escolar, como também chegar a uma conclusão e proposta para o enfrentamento desse desafio.

1.1 Apresentação da escola

O Colégio Estadual Governador Lourival Baptista já existe há algum tempo na cidade e ao mesmo tempo é uma construção recente comparadas a outras escolas da região.

Esta Unidade foi fundada na cidade de Porto da Folha como escola pública no dia 19 de dezembro de 1991. Construída pelo ex-governador Lourival Baptista, recebendo assim em sua homenagem o nome de Colégio Estadual Gov. Lourival Baptista. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 11)

Acredita-se que conhecer o “objeto de estudo” faz-se parte fundamental para o entendimento de qualquer resultado numa pesquisa. Dessa forma buscou-se caracterizar a escola a partir do seu PPP (Projeto Político Pedagógico) e Regimento autorizado que constam em um único arquivo, fornecido pela própria equipe diretiva da escola. Este documento é composto por sessenta e sete páginas, estas basicamente expressam direitos e deveres dos que compõe o ambiente escolar, além de algumas páginas com porposições de ações de projetos para a escola e caracterizações da mesma. Ao que consta, teve colaboração em sua formulação de vários níveis que participam do cotidiano escolar, como se nota: “Reuniram-se no Estabelecimento de ensino: docentes, funcionários, pais, membros do Comitê comunitário e pessoal de apoio, a fim de estabelecer as metas para o Projeto Político Pedagógico do Colégio.” (PROJETO POLÍTICO PEDOGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 6)

Há no PPP e Regimento alguns tópicos informativos que podem nos dar um rápido e sucinto entendimento do funcionamento da escola dentre eles o que consta em nos capítulos e artigos apresentados abaixo:

Art. 86 A constituição das turmas orientar-se-á pela seguinte capacidade numérica máxima:

I – ensino fundamental:

1º - no máximo com 25 alunos;

2º ao 5º ano – no máximo com 25 alunos;

6º ao 9º ano – no máximo com 30 alunos;

II - Ensino Médio:

1º ao 3º ano – no máximo com 40 alunos

Parágrafo único – Será permitida a composição de turmas com número inferior aos mínimos definidos nos incisos I e II deste artigo, quando desta implicar em não atendimento à escolaridade obrigatória.

(PROJETO POLÍTICO PEDOGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 23)

CAPÍTULO XII

DO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA

Art. 87 O colégio funcionará nos seguintes turnos e horários:

I – matutino – 7h e 30m às 12h;

II – vespertino – 13 h às 17 h 30 min;

III – noturno – 19 h às 23: 10h.

Art. 88 O ano letivo terá a duração mínima de 200 (duzentos) dias de trabalho escolar, de acordo com a legislação vigente.

(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 23)

Quanto às informações da equipe docente da escola, foi devidamente apurado no trabalho de pesquisa com embasamento no documento que caracteriza a escola, o PPP e Regimento, e pudemos ter ciência que tendo no ano vigente 722 alunos matriculados, sendo 229 no turno matutino, 278 no turno vespertino, e noturno totalizam 215 alunos. No colégio existem 58 funcionários, distribuídos da seguinte forma; 30 professores, todos com formação superior, 1 diretor, 1 coordenador pedagógico, 2 secretárias, 11 agentes administrativos, 7 serventes, 3 porteiros e 3 vigias. Sobre o aspecto funcional da escola, podemos ter mais detalhe no quadro abaixo, o qual consta também informações de alguns programas educativos da escola:

MANHÃ	TARDE	NOITE
Se Liga -20 alunos	6ª série B –(7º ano) 32 alunos	1º ano C – 26 alunos
Acelera – 19 alunos	7ª série B (8º ano) – 32 alunos	1º ano D – 27 alunos
2º ano Bloco de Alfabetização e Letramento – 17 alunos	8ª série A (9º ano) – 31 alunos	1º ano E – 28 alunos (Núcleo)
3º ano – Bloco de Alfabetização e Letramento 16 alunos	8ª série B (9º ano) – 32 alunos	2º ano C– 52 alunos
4º ano – Bloco de Alfabetização e Letramento 20 alunos	1ª Ano – 37 alunos	2º ano D– 31 alunos (Núcleo)
5ª ano– 24 alunos	1º ano B – 40 alunos	3º ano B– 33 alunos
5ª série A – (6º ano) 30 alunos	2º ano A – 39 alunos	3º ano C– 28 alunos
5ª série B –(6º ano) 33 alunos	2º ano B - 41	3º ano D – 15 alunos (Núcleo)
6ª série A – (7º ano) 33 alunos	3º ano A - 33	Projovem –Turma - A-40 –Turma - B-40 –Turma - C-40 –Turma - D-40 –Turma - E-40
7ª série A – (8º ano) 31 alunos		
TOTAL 243	TOTAL 317	TOTAL 440

Tabela 1. Aspecto funcional da escola (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p.11)

Ainda sobre o regimento há um pouco sobre a estrutura física como espaço cultural da escola, contando como parte a biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências. Contudo não há especificidade quanto a estrutura física em si, pois ao se tratar desses espaços apenas se relata a finalidade como pode ser observado em:

CAPÍTULO IV

DO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS

Art. 118 O laboratório de Química, Física e Biologia é um espaço para uso dos professores e alunos, que tem por finalidade auxiliar a compreensão de conteúdos trabalhados nas disciplinas.

(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 29)

Segundo o mesmo documento a escola possui uma estrutura física que compõe: Área da escola Total: 4.231,96 m², Livre: 2.273,70 m² e Construída: 1.958,26 m² (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p.11). Visualizando de maneira geral, seria interessante observar o seguinte quadro:

ESPECIFICAÇÕES	QUANTIDADE
Sala de direção	01
Secretaria	01
Sala de Aula	10
Depósito	01
Almoxarifado	01
Cozinha	01
Despensa	01
Banheiros (sendo dois adaptados para portadores de necessidades especiais)	05
Laboratório de Informática	01
Laboratório de Ciências	01
Sala do Professor	01
Biblioteca	01
Pátios Cobertos	03
Rádio-Escola	01

Tabela 2. Estrutura física da escola (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p.12 e 13)

Verifica-se que a escola parece ser de modo geral um ambiente agradável quanto a sua estrutura física, no entanto, necessita de alguns reparos de manutenção como foi observado e constatado neste trabalho. Não se teve conhecimento detalhado de como a escola investe seus recursos e quais os programas de incentivo financeiro está inserida. Seria interessante saber também quais os planos de gestão que a escola utiliza. Verificar isso mostra-se uma possibilidade de estudo futuro para se ter real percepção das condições da escola em investir financeiramente também em seus alunos.

De acordo com site da Secretaria de Estado da Educação (SEED) a escola recebe de verba o que consta no quadro abaixo:

DRE07 / Porto da Folha / Colégio Estadual Gov. Lourival Baptista

VERBAS 2015			
RECURSOS ESTADUAIS		RECURSOS FEDERAIS	
PROFIN	Suprimento de Fundos	PDE	PDDE
Valor Recebido	Valor Recebido	R\$ 0,00	R\$ 0,00
R\$ 7.500,00	R\$ 0,00		

Total: R\$7.500,00

VERBAS 2014		
RECURSOS ESTADUAIS		Suprimento de Fundos
PROFIN		
Valor Previsto	Valor Repassado	Valor Recebido
R\$ 12.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 0,00

Imagem 1. Verbas da escola. (SITE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SERGIPE. 2015. Disponível em: http://www.seed.se.gov.br/escolaestadual/Verba_na_Escola.asp?cdescola=33&cdestrutura=432)

Para este trabalho também observamos a escola quanto a sua estrutura e podemos relatar um perfil como pode ser conferido em algumas fotos do quadro abaixo:



Imagem 2. A escola. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 1 e 2

Ao conhecer um pouco mais a escola pode-se ter bem definido os objetivos que tornam o estudo possível, conhecer sua comunidade também é importante para envolvê-la na escola. Segundo o Projeto Político Pedagógico e Regimento do Colégio Gov Lourival Baptista (2015, p. 18), temos:

Os pais dos alunos possuem idade variando entre 20 a 50 anos, possuem a mesma religião que os filhos e são, numa quantidade razoável alfabetizados; outros só sabem assinar o nome e há um bom número de pais não alfabetizados. Residem em pequenas ou médias casas, trabalham em agricultura, pesca comércio ou são funcionários públicos.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva diagnosticar pela perspectiva do docente a realidade e o enfrentamento da violência escolar pelos professores do ensino médio do Colégio Estadual Gov. Lourival Baptista, localizado em Porto da Folha-SE e propor melhorias através de um ciclo de palestras com finalidade de ser agente formador e de mudança na discussão, debate e superação da violência na escola capacitando também o professor.

1.1 Objetivos

Sabe-se que ao se reportar aos “deveres” do professor muitas vezes uma lista extensa desses deveres lhe são atribuída. O professor, portanto, muitas vezes se torna sobrecarregado podendo gerar vários problemas profissionais e pessoais. Dessa forma é necessário que se entenda em quais pontos especificamente o professor se sente mais sobrecarregado e possivelmente desmotivado. Portanto o presente trabalho também se propõe a:

- Descrever o ambiente escolar que se encontra o professor;
- Caracterizar o ambiente de trabalho do professor;
- Descrever o corpo docente que compõe o Colégio Estadual Governador Lourival Baptista;
- Identificar, através de questionário, o que de fato é fator motivador dos professores do Colégio Estadual Governador Lourival Baptista;
- Analisar por meio dos resultados obtidos a relação professor x enfrentamento da violência escolar;
- Analisar a relação entre a formação do professor e sua postura docente;
- Identificar a relação entre formação pedagógica do professor e atitudes quanto ao enfrentamento da violência dentro da escola.
- Propor possíveis posturas que vislumbrem mudanças positivas no ambiente escolar

1.2 Justificativa

O fundamento deste trabalho se dá essencialmente pelo interesse de atribuir um argumento sólido na valorização da docência, além de mostrar que a formação do professor pode ser uma ferramenta essencial para o funcionamento de toda a engrenagem no enfrentamento da violência na escola.

É sabido que ao professor muitas responsabilidades são atribuídas, desde ao conhecimento científico que se deve trabalhar em sala de aula até em papéis de profissionais e pessoas que deveríamos encontrar com mais frequência nas escolas: pai,

mãe, psicólogo, assistente social. Neste trabalho também busca-se pensar no professor como humano que como qualquer pessoa também tem suas limitações e que a função de héroi não cabe a um ser sozinho e sim a coletividade, neste caso da escola. Podemos reforçar ainda mais essa abordagem quando observamos o que diz Bezerra et al. (2015, p. 42):

Os profissionais da educação tornam-se, progressivamente, alvo de expectativas e críticas de vários segmentos da sociedade que lhes convidam à autocritica, redefinição de papéis e educação continuada. No discurso oficial, em geral, é atribuída ao magistério a responsabilidade pelas mazelas do sistema educacional (...)

E ainda diz:

O avanço teórico prático na área da educação assim como em todas as demais especializações ou funções socialmente necessárias, ao lado do grau de consciência da população brasileira, não mais permitem que hoje seja considerado o exercício do magistério ou de qualquer outra profissão como um sacerdócio. (BEZERRA et al., 2015, p.42)

Dessa forma podemos sugerir que estaremos avançando ao entender, e ter claramente ciência, a função docente e como o enfrentamento da violência escolar pode estar atrelada. Qual o real papel do professor no enfrentamento da violência escolar?, poderíamos nos perguntar e ainda: Sua formação está alinhada aos papéis que o mesmo deve desempenhar?.

Presumimos uma real contribuição do presente trabalho para o Colégio Estadual Governador Lourival Baptista uma vez que estará atrelado ao diagnóstico da realidade da escola quanto a relação professor x enfrentamento da violência escolar podendo assim propor melhorias ao sugerir o que fazer e o que não fazer ou continuar fazendo. A fim de introduzir discussões sobre essa temática e propor alternativas adequadas voltando-se especificamente a realidade da escola. Tendo como base para traçar esta realidade a aplicação de questionários aos professores de ensino médio e a partir de observações dos pesquisadores

1.3 Metodologia

Para a realização de todo esse trabalho contamos com a colaboração da coordenação Especialização em Direitos Infanto-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege) bem como diretamente da nossa orientadora Ma. Maria Erica Santana de Souza e ainda da equipe pedagógica do Colégio Estadual Governador Lourival Baptista (diretora, coordenadora, assistentes administrativos) e dos professores entrevistados. A pesquisa foi realizada com respaldo em referenciais bibliográficos, aplicações de questionários aos professores de ensino médio da escola e ainda por observações dos pesquisadores.

Inicialmente para começo de pesquisa, fez-se contato com a escola e isso foi de certa forma facilitado por que em outras vezes pode-se trabalhar com a mesma em módulos anteriores da especialização, então já se tinha um pouco de conhecimento de algumas pessoas e funcionamento da escola.

Os questionários (APÊNDICE 1) foram aplicados aos 30 professores do ensino médio aleatoriamente a medida em foi possível encontrá-los na escola uma vez que os mesmos possuíam horários diferenciados, a aplicação e as tentativas de encontro com os professores duraram cerca de uma semana. A medida do possível, os professores foram auxiliados pelos pesquisadores caso pudesse haver alguma dúvida na resolução sendo o questionário respondido na presença do pesquisador e aplicado individualmente a cada professor buscando também estabelecer um estreitamento da relação pesquisador-pesquisado a fim de possivelmente obter observações “extra-questionário” digamos assim. Apenas os professores do ensino médio foram escolhidos por geralmente à faixa etária dessas séries serem atribuídas as situações problemas, já que nessas séries se encontram os adolescentes. E essa fase é vista dessa forma por variados motivos, que são relativos mas que ao mesmo tempo devem ser observados e trabalhados.

Para o jovem, o desencontro das expectativas iniciais gestadas na família e a experiência cotidiana vivida nas escolas, que nega essas aspirações, pode gerar desinteresse, indisciplina e violência, na medida em que a trajetória na escolarização gera insucesso e exclusão. (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p. 28)

CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui pretende-se discorrer sobre os pontos mais relevantes que caracterizam e fundamentam este trabalho. Objetivando uma maior clareza proporcionando uma leitura mais agradável esse Referencial Teórico foi dividido em tópicos de acordo com o assunto a ser abordado.

1.1 PAPEL DA ESCOLA, VIOLÊNCIA NA ESCOLA E O ECA

1.1.1 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)

O ECA está expresso na Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Intervindo na proteção da criança e do adolescente o ECA nos direciona a uma assentimento de olhar nossos alunos de outra forma, como pessoas com direitos e deveres.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aborda um universo específico do tratamento social e legal exercido às crianças e adolescentes brasileiras, pautado na valorização da cidadania e proteção abrangidas pela Constituição Federal de 1988. (SILVA; BEZERRA; SILVA, p. 2)

Reconhecer a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente na prática pedagógica é um perfil que deve ser recorrente a qualquer professor não sendo possível de desvincular o ambiente escolar e ECA.

Muitas angústias no que diz respeito a como lidar com os *alunos de hoje em dia* são frequentemente apresentadas ou escutamos alguns tipos de relatos nesse sentido. Não querendo parar apenas na observação dessa postura o presente trabalho busca entender como possivelmente o ECA pode ser um aliado no enfrentamento e na busca das soluções relacionando a formação do professor também nesse sentido. Contudo, mostra-se um desafio pensar no ambiente escolar à luz do ECA, já que antes de mais nada deve se pensar na escola como ambiente de diversidade constante onde devemos entender que nossos alunos são reflexos da época em que estão vivenciando. Não há exatamente uma regra ou uma receita para se aplicar o ECA no ambiente escolar, o que se pretende é desenvolver um pensamento reflexivo sobre suas práticas docentes espelhadas no ECA. É recorrente a necessidade de se dar devida importância a preparação-formação do professor no próprio ECA se fala sobre isso:

Artigo 70 III - a formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde, educação e assistência social e dos demais agentes que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente para o desenvolvimento das competências necessárias à prevenção, à identificação de evidências, ao diagnóstico e ao enfrentamento de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014) (ECA apud SILVA, P.; BEZERRA; SILVA, W., p. 2)

Dessa forma o professor precisa estar preparado para atuar quando não encontrar a *escola perfeita* onde não há nenhum tipo de adversidade. Sabemos muito bem que essa escola não existe, e que portanto esse preparo deve estar atrelado também a disposição do professor em não ser passivo e buscar sempre entender o ambiente escolar o qual está inserido em que necessariamente por vezes precisará ser mediador também de conflitos e nesse sentido, retornamos a enfatizar que não há receita.

Elejemos como o primeiro e fundamental passo para a mediação de conflitos a promoção da compreensão e do respeito no ambiente escolar. A ideia é relativizar, conforme já apontado pela antropologia. Sobre o relativismo aponta Geerts: (2001) "examinar dragões, não domesticá-los ou abominá-los, nem afogá-los em barris de teoria, é tudo que consiste a antropologia" (p.65). (SILVA; BEZERRA; SILVA, 2015, p. 4)

O professor não precisa e não deve estar só, deve existir todo um amparato profissional pra dar suporte nessas situações. Acontece que nem sempre numa escola há um psicólogo ou um assistente social ou ainda os profissionais da escola não tem contato nem com o conselho tutelar da comunidade.

Assim sendo, queremos aqui fomentar um pensamento reflexivo quanto a possibilidade de atribuir ao ECA uma maior relevância na sua aplicabilidade no ambiente escolar como contribuição na mediação e enfrentamento da violência no ambiente escolar especificamente que é uma das linhas de desenvolvimento deste trabalho.

1.1.2 PAPEL DA ESCOLA (relação saber e aprendizagem)

Culturalmente a palavra “escola” e tudo que ela representa causa na maioria das pessoas uma afeição, um sentimento de aprovação. É certo que as pessoas reconhecem sua importância e de certo modo a valorizam. No nosso pensar a escola se apresenta como lugar seguro, agradável e produtivo como tem que ser. “A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes.” (FREIRE apud GADOTTI, 2007, p. 10) E é como esse pensamento que devemos fazer existir para nós, que a realidade seja de fato nosso pensamento.

A importância da estrutura da escola também mostra-se fator determinante para o bom exercício da educação, digamos assim. Para Freire (1997, p. 50):

É incrível que não imaginemos a significação do ‘discurso’ formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.

Dessa forma estarmos cientes dessa relação pode nos dar um bom direcionamento em nossas análises e discussões, uma vez que também devemos levar em consideração a estrutura da escola para visualizarmos melhor sua realidade. É necessário também que os perfis dos profissionais da escola, no caso desse trabalho dos professores, também sejam observados já que estes fazem parte de uma outra estrutura que se aponta como fator determinante do ambiente escolar.

O ambiente escolar constituído de uma boa estrutura e bons profissionais potencializa todos os aspectos positivos que esperamos da escola. Essa determinação apresenta-se como elementar para se cultivar posturas humanas, cidadãos as quais fomentam um ambiente que não será necessário medidas punitivas ou de contenção de violência, já que desse modo o ambiente escolar será resguardado. A escola é e deve ser lugar de encontros, de cultivo de relações onde o indivíduo expresse sua individualidade mas que igualmente o coletivo seja preservado, o respeito às diferenças.

Muitas são as competências que se determina à escola, qual de fato seria então o Papel da escola? A escola é direito de todos, uma vez que temos leis e documentos que asseguram esse direito. Sendo assim além de assegurarmos que se cumpra devemos

obviamente fazer com que esse ambiente seja o mais seguro possível para nossas crianças e adolescente.

Dessa forma a escola deve estar habilitada similarmente a reconhecer que não existe só, e que necessariamente precisa trabalhar em conjunto com órgãos de proteção da criança e adolescente. Que para Pereira (2010, p. 1) consiste também em:

Crianças, adolescentes, família nuclear, família extensa, escola, comunidade, serviços de saúde, Serviços de Assistência Social, Justiça da Infância e da Juventude, Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente, Conselhos Tutelares, serviços de acolhimento institucional (Abrigo, Casa-lar, Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora e República) e demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (responsáveis pela execução de serviços nas áreas de cultura, lazer, geração de trabalho e renda, habitação, transporte, capacitação profissional e pela garantia do acesso das crianças, adolescentes e suas famílias a estes serviços).

Desse modo é de extrema importância que ao menos todos esses integrantes se vejam parte em conjunto com a escola, de forma que cooperem pelo mesmo objetivo de fazer garantir direitos e deverem das crianças e adolescentes.

1.1.3. VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência na escola muitas vezes é dita como algo que acontece e está num contexto distante da nossa realidade. Principalmente quando a escola está numa cidade pequena, como no caso do colégio em estudo nesse trabalho. Acontece que, essa temática em vários âmbitos, alcançando cada vez mais pessoas pode ser realidade mesmo na escola da cidadezinha. É fato que é um assunto que precisa ser debatido, como afirma Cunha e Weber (2010, p. 67)

O problema da violência tem chamado a atenção de diversos níveis da sociedade, e no que diz respeito aos episódios violentos que acontecem entre os muros da escola tal fato não é diferente. A situação é grave, com pontos críticos como ataques armados entre estudantes, tráfico de drogas ilegais e conflitos entre gangues no

ambiente escolar. Embora as crianças, em diversas escolas brasileiras, possam estar também expostas a outras formas de violência, não se deve pressupor que a vitimização entre estudantes não é importante em tal contexto. Esse é um assunto para todos os que se interessam pela promoção de escolas inclusivas e seguras, onde todos os estudantes tenham iguais oportunidades para desenvolver seus potenciais.

É comum que quando pensamos em violência, lembranças de sua significação serão sempre negativas. Discernimos bem dentro de nós o que isso representa, a que está associado. É no mínimo algo que sabemos que não queremos para nós. No dicionário temos a seguinte definição para a palavra: “qualidade de violento; ato de violento; ato de violentar; agressão.” (BUENO, 2000, p. 653) E quando se trata da escola, quais seriam portanto essas agressões? O que não queremos para nossas crianças e adolescentes? “Há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos, acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica), a exigir respostas diferentes”. (SCHILLING, 2010, p. 15) E ainda, devemos saber muito bem que:

Vemos a multidimensionalidade e a complexidade deste conceito, desta palavra que se abre, se expande em muitas direções. Se o objeto é complexo, fica claro que não daremos conta dele de forma simplista. As respostas ao desafio de encarar a nossa violência também precisam ser complexas e dar conta destas múltiplas dimensões.

Nossas ações precisam ser multidisciplinares, intersetoriais, multissecretariais. Romper com as antigas divisões e separações. É preciso polícia, justiça, moradia, trabalho, saúde, educação, meio ambiente, cultura, apoio às vítimas, punição e tratamento dos agressores. Há intervenções que podem ser feitas a partir dos recursos próprios, dos recursos pessoais, de cada um de nós. Há ações que só são possíveis a partir da construção de um coletivo, outras que dependem de ações governamentais. (SCHILLING, 2010, p. 16)

É dessa forma que alicercamos nossos argumentos, para este trabalho, pensando no contexto escolar quais podem ser os recursos pessoais, que cada um precisa levar consigo. Todos necessariamente precisam saber que essa união de carece de existir.

O início da violência na escola pode estar no fator discriminação. Discrimina-se tudo o que se acha não fazer parte de certo contexto. Dessa forma, uma escola que preze e fomenta em seus alunos por respeito às diferenças e inclusão mostra estar num bom caminho. Contudo, há fatores externos também, o que se vive na escola é reflexo do que cada aluno traz em si, do que ele vive concomitantemente ao cotidiano escolar. Novamente, inclusão e cooperação nos faz visualizar um bom caminho, como se afirma:

Há muitos exemplos que mostram que, quando a escola assume o seu objetivo, o da educação como um direito de todos, a violência se esvai. Passa a ser uma escola respeitada, vista como um bem comum, como um bem público a ser defendido. O instrumento para a transformação da escola em uma escola não violenta é o trabalho com o conhecimento, a gestão democrática, o trabalho em conjunto escola-bairro. (SCHILLING, 2010, p. 18)

Conhecer bem todas essas variáveis é uma tarefa complicada, até desafiadora, uma vez que exige percepções do que muitas vezes passa despercebida, ora por estarmos sem tempo ora por que somos passivos até sem querer, muitas vezes não se sabe diagnosticar quando o início da agressão, está emergindo. Também não é muito fácil para quem sofre se expor a enfrentar e contar muitas vezes, e é também por isso que a escola que estão no cotidiano dessas crianças e adolescentes tem papel fundamental.

O ponto de partida essencial é o trabalho de diagnóstico, detectando as várias dimensões da violência, a econômico-social, a familiar, a institucional, a local, que se relacionam entre si, se apoiam e provocam mutuamente. A partir desse reconhecimento, é possível criar respostas que serão, necessariamente, diversas. O ponto de partida é este exercício construído a partir de uma diversidade de interlocutores: professores, pais, alunos, equipe técnica, líderes comunitários: A que viemos? Qual é a importância do nosso trabalho para a superação da pobreza? O que podemos e devemos fazer e o que não podemos e não devemos fazer, pois compete a outros? Dessa verificação inicial é que deverão sair as

linhas de ação, as prioridades, as possibilidades de novas alianças e redes de apoio. (SCHILLING, 2010, p. 18)

É de certo um desafio, mas não é tão difícil começar. “Quando secam os oásis utópicos estende-se um deserto de banalidade e perplexidade.” (HABERMAS apud ARANHA E MARTINS, 2003, p. 274). Sendo assim, para se começar é preciso saber aonde ir, e isso consiste em se informar, ter ciência dos conhecimentos necessários e da consciência de se ver como parte no processo do enfrentamento à violência junto com a escola.

1.2 SER PROFESSOR

Em torno do *Ser professor* há tantas discussões possíveis quanto a figura do professor em si. E é óbvio que isso se dá a extrema importância que se encontra nesse profissional que é responsável por uma significativa parcela da estrutura social, quanto ao desenvolvimento humano e intelectual-científico, que se mostra cada vez mais com o passar do tempo necessidade da existência do professor.

O professor é a agente essencial na qualidade da educação. E quando falamos em qualidade de educação nos referimos ao que diz Gadotti (2013, p.1) que confere Falar em qualidade social da educação é falar de uma nova qualidade, onde se acentua o aspecto social, cultural e ambiental da educação, em que se valoriza não só o conhecimento simbólico, mas também o sensível e o técnico. Desse modo, alguém que participa tão diretamente nesse processo no cotidiano escolar deve ser enfatizado.

Embora toda essa importância seja observada e reconhecida por muitos, de maneira prática associando a realidade, vários são os indícios que afirmam o contrário pois o professor. Segundo Freitas (2007, p. 2):

A necessidade de uma política global de formação e valorização dos profissionais da educação que contemple de forma articulada e prioritária a formação inicial, formação continuada e condições de trabalho, salários e carreira, com a concepção sócio-histórica do educador a orientá-la, faz parte das utopias e do ideário de todos os educadores e das lutas pela educação pública nos últimos 30 anos.

Um exemplo que pode ser mencionado é que quase nunca os jovens quando estão para escolher o curso universitário é incentivado a estudar em um curso de licenciatura e além do mais o professor é um dos profissionais com nível superior que tem menores salários, que não encontra no seu ambiente de trabalho as ferramentas necessárias para acompanhá-lo, que não é reconhecido como deveria comparado a outros setores profissionais.

Há alguns estudos amostrais como um que se encontra na Revista Nova Escola da editora Abril em que se pode observar o seguinte:

Apenas 2% dos estudantes do Ensino Médio têm como primeira opção no vestibular graduações diretamente relacionadas à atuação em sala de aula - Pedagogia ou alguma licenciatura como pode ser observado no gráfico abaixo:

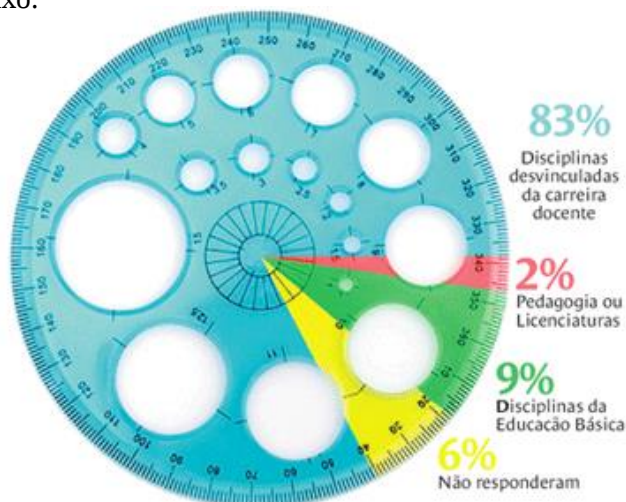


Imagem 3. Escolha profissional.(PESQUISA ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL (FVC/FCC); REVISTA NOVA ESCOLA; 2010. disponível em : <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>.)

O estudo foi encomendado pela Fundação Victor Civita (FVC) à Fundação Carlos Chagas (FCC) que ouviu 1.501 alunos de 3º ano em 18 escolas públicas e privadas de oito cidades. Na pesquisa mostrada na pesquisa é dito que:

O estudo indica ainda que a docência não é abandonada logo de cara no processo de escolha profissional. No total, 32% dos estudantes entrevistados cogitaram ser professores em algum momento da decisão. Mas, afastados por fatores como a baixa remuneração (citado nas respostas por 40% dos que consideraram a carreira), a desvalorização social da profissão e o desinteresse e o desrespeito dos alunos (ambos mencionados por 17%), acabaram priorizando outras graduações. (PESQUISA ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL (FVC/FCC); REVISTA NOVA ESCOLA, 2010. Disponível em : <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>.)

Ao professor, muito é exigido e pouco se é dado. Poderíamos relacionar a essa afirmação o fato de muitas vezes as pessoas atribuírem ao professor um caráter missionário o qual o desempenho da profissão deve se dar puramente pelo amor ao ofício. Obviamente é saudável que a escolha da profissão seja por amor ao desempenhá-la, mas as condições para que isso aconteça é fundamental, não se deve achar normal, por exemplo, que na falta da lousa o professor escreva na parede por que ele não pode deixar de ministrar a aula, ou que o professor receba pouca e suporte os atrasos de salário por que ele ama a profissão e “escolheu ser professor agora aguente” como muitos falam. Segundo Bezerra et al., 2015, p. 17:

Os diferentes momentos históricos da educação brasileira têm apresentado desafios concretos ao professor da educação básica diante das condições de trabalho e dos grilhões que foram impostos à categoria no plano do imaginário coletivo de alunos e pais, dos que fazem o sistema educacional e da sociedade de um modo geral.

Pensando no Ser Professor, é inegável afirmar que todos nós temos uma ideia formada do que isso quer dizer, e essa ideia perpassa pelas altas perspectivas de vislumbrar no professor um representante de tudo que é pra nós a perfeição da ética, do saber, do se

comportar e tantos outros papéis que para cada um de nós na sociedade impõe e espera sobre a figura do professor. Bezerra et al. (2015, p. 29) observa que as responsabilidades exigidas do professor requerem deste a disposição de integrar-se como sujeito pessoal e profissional no espaço da construção do conhecimento do aluno, o que demanda progressiva elevação do tempo em seu trabalho cotidiano (...).

De fato, muito se há para discutir sobre a figura do professor, e além de fazer toda a discussão mostrada acima se quer ressaltar que escolher ser professor é antes de tudo ter ciência que seu papel principal é *formar*, já que como dizia Paulo Freire (1996, capa) ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. O professor ensina o conhecimento científico e como seu exemplo como profissional e pessoa é ponte na mediação do conhecimento e realidade do aluno

1.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores consiste numa parte imprescindível no processo educacional como um todo. Ora, se queremos uma educação de qualidade precisamos que em todos os seus âmbitos esta seja alcançada, essencialmente, portanto, na formação de professores. É válido ressaltar o que de fato pode ser entendido como educação de qualidade e segundo Gadotti (2013, p. 2):

Qualidade é a *categoria central* deste novo paradigma de educação sustentável, na visão das Nações Unidas. Mas ela não está separada da **quantidade**. Até agora, entre nós, só tivemos, de fato, uma educação de qualidade para poucos.

Dessa forma, entende-se que educação de qualidade deve ser a mais inclusiva possível estando associada de forma incisiva no contexto social de todos os envolvidos nesse processo, portanto vale destacar também que *qualidade na educação* será algo sempre adaptável, pois a sociedade está em constante transformação. Gadotti (2013, p. 2) ainda diz:

Qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação a qualidade está ligada diretamente ao bem viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na

educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela.

Nesse sentido podemos reafirmar a importância de se ter boa uma formação de professores tanto na sua graduação quanto na possibilidade de se ter uma formação continuada.

Para melhorar a qualidade da **escola pública** é preciso investir na *formação continuada* do professor. É fundamental reafirmar a dignidade e a “boniteza” (Freire) dessa profissão, diante da desistência, da lamúria, do desânimo e do mal-estar docente, provocado pela exaustão emocional, pela baixa auto-estima e pelo pouco reconhecimento social dessa profissão. Ao lado do direito do aluno aprender na escola, está o direito do professor dispor de condições de ensino e do direito de continuar estudando. (GADOTTI, 2013, p. 9)

A idealização dessa formação do professor é que também se mostra o desafio podendo sugerir uma grande indagação: Como deve ser a formação do professor? E ainda: Será que nossos cursos de formação de professores vem se mostrando satisfatórios? O que está faltando a eles? As respostas dessas perguntas são de fato complexas e não tão conclusivas assim, uma vez que vários fatores devem ser analisados e muitas são as abordagens. Mas, podemos começar uma discussão nos referenciando e observando o que diz Gadotti (2013, p. 10)

(...) está sendo difícil encontrar os parâmetros dessa qualificação. O problema é que, tanto os conteúdos quanto a metodologia dos cursos de formação dos professores são, geralmente, ultrapassados. Eles são baseados numa velha concepção instrucionista da docência. Precisam de profundas mudanças. O professor é um profissional da aprendizagem, um profissional do sentido, um organizador da aprendizagem e não uma máquina reprodutiva instrucionista.

Pois bem, Gadotti (2013, p.11) ainda diz que “A educação é de boa qualidade quando ela forma pessoas para pensar e agir com autonomia.” Pensando na palavra

autonomia e correlacionando a prática docente e a formação dos professores vê-se uma linha de raciocínio para o desenvolvimento deste trabalho, que visa também buscar entender a formação dos professores e sua atuação no contexto escolar quanto ao enfrentamento da violência escolar. Será que nossos professores estão com essa autonomia desenvolvida e se sentem seguros quanto a postura que precisam no enfrentamento da violência escolar? Para começo de conversa

Para se formar bem, o **professor** precisa ter paixão de ensinar, ter compromisso, sentir-se feliz aprendendo sempre; precisa ter domínio técnico-pedagógico, isto é, saber contar histórias, isto é, construir narrativas sedutoras, gerenciar a sala de aula, significar a aprendizagem, mediar conflitos, saber pesquisar. Precisa ainda ser ético, dar exemplo. A ética faz parte da natureza mesma do agir pedagógico. Não é competente o professor que não é ético. Ser humilde, ouvir os alunos, trabalhar em equipe, ser solidário. A qualidade do ensino depende muito da qualidade do professor. (GADOTTI, 2013, p. 11)

Será que nos cursos de licenciatura há discussão sobre o cotidiano escolar e as adversidades que podem ser encontradas, como a violência escolar? Caso o professor não tido oportunidade de ter estudado sobre o assunto ele quer e pode fazer um curso de formação continuada? Bem, nesse trabalho também queremos entender uma pouco mais dessas indagações.

É fato que a formação dos professores não se dá apenas com o curso de licenciatura ou pedagogia, mas também com toda sua experiência e o modo como enxerga o mundo. Podemos fundamentar essa afirmação no que diz Rodrigues (2011, p. 77)

A relação entre os saberes apresentados por Nóvoa (1995) e os de Barth (1993), “amplia esse referencial teórico com as contribuições de Marx (crítica ideológica) e de Paulo Freire (processo de conscientização)” (FIORENTINI, 1998, p. 325), definindo como uma teoria crítica do ensino. Entendemos também que esses saberes, assim pensados, dialeticamente, sustentam a relação teoria e prática. Nessa lógica põe-se à prova os saberes docentes por meio da reflexão crítica e da prática transformadora, práxis, aspecto importante para que medidas de

intervenção e prevenção da violência escolar sejam estruturadas. Esse processo é dialético envolve crenças, ideologias, valores, normas e tudo o que se relaciona à cultura acumulada pelo professor, o que Silva (2008) explica como o conjunto de informações adquiridas ao longo de sua história, e diz que o professor “reagrupa-se em três tipos de saberes que compõem as ações: saber sobre o que se faz, saber fazê-lo e saber os motivos para realizá-lo” (SILVA, 2008, p.131) o que relaciona aqui como indispensáveis para o professor ser capaz de lidar com a violência, entendendo que a articulação destes saberes municia o professor e possibilita sua conscientização e atuação numa sociedade tão conflituosa. Outro saber tão importante relaciona-se à busca da formação contínua desenvolvida pelo próprio professor.

Uma aproximação da escola e professor com seus alunos e comunidade possivelmente facilitaria esse processo de enfrentamento concordando, portanto, com o que diz Perrenoud (1993, p.151) apud Rodrigues (2011, p. 77) “facilitar o contacto com alunos, famílias, sala de aula, estabelecimentos de ensino, bairros de todos os tipos, e preparar os futuros professores para se adaptarem a todos os tipos de redefinição de situações.” Não há fórmula pronta quanto ao enfrentamento da violência escolar, mas precisamos ao menos ter ciência e aparato intelectual em toda tomada de decisão.

Esclarecemos que os saberes descritos podem ser articulados a partir de uma reflexão crítica, subsidiando um processo importante de conscientização dos professores, pois pode suscitar valores que prezam a dignidade e eticidade humana dos professores, dos seus alunos, de sua comunidade e do homem em todo o universo de sua produção. Nesse movimento a violência escolar não escaparia. (RODRIGUES, 2011. p. 78)

Sendo assim, há sempre a necessidade de que façamos as devidas reflexões quanto a prática docente e que busquemos compartilhá-las, uma vez que quanto a formação do professor todos nós podemos fazer parte.

CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO

2.1 QUANTO À APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Com a aplicação do questionário (APÊNDICE 1) pôde-se ter informações principalmente acerca de questões que pudessem nos proporcionar uma caracterização dos professores, estando com um foco maior na sua formação e no contato com a temática do plano de intervenção, *violência na escola*. Como, por exemplo, os perfis sócio-econômicos, formação acadêmica, o ser professor, o que consideram violência, os principais problemas enfrentados entre outros fatores.

A obtenção dos questionários se mostrou um grande desafio para a execução deste trabalho, uma vez que de 30 professores apenas 8 responderam os questionários, estando incluso o questionário respondido pela diretora da escola que quisemos incluir afim de termos um respaldo de certa forma mais abrangente principalmente das necessidades da escola. Inicialmente a proposta da metodologia era que as alunas pesquisadoras estivessem acompanhando a aplicação e isso não pode ser realizado, já que os horários dos professores eram bem divergentes e se houvesse um dia para que as pesquisadoras estivessem na escola os mesmo não se dispunham a parar e responder. Dessa forma achou-se mais viável deixar o questionário com um coordenador da escola que se disponibilizou a entregar aos professores. Ainda assim houve problemas com a devolução dos questionários, pois os professores ou não respondiam, ou não devolviam, não se encontrava com facilidade. Por organização e buscando uma padronização, pois precisávamos trabalhar em tempo hábil, estipulamos um tempo limite de duas semanas para que os questionários fossem respondidos e entregues e assim sendo infelizmente obtivemos apenas 8 questionários respondidos. Buscaremos, dessa forma, traçar e discutir esse diagnóstico, além dos questionários, partindo também de nossas observações e de outros trabalhos que existem nessa temática.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Essa caracterização foi obtida essencialmente através das respostas das questões 1 a 4 do questionário (Dados pessoais) e das questões 5 a 9 (Formação acadêmica).

Os professores de ensino médio do Colégio Estadual Colégio Governador Lourival Baptista que responderam os questionários (entrevistados) possuem idades que variam entre 29 a 63 anos (as idades foram de 29, 51, 48, 39, 50, 41, 50 e 63 anos), sendo a maioria com mais de 40 anos, professores tidos experientes, sendo a maioria do sexo masculino, 5, e 3 do sexo feminino. A maioria dos professores mora na mesma cidade da escola, apenas um não mora em Porto da Folha, sendo dessa forma algo positivo quanto à visualização que esse professor tem da comunidade a qual a escola se insere. Dos 8 entrevistados (entenda-se que responderam o questionário) 6 são casados, 1 é viúvo, e 1 é separado. Assim, esses professores são também pais e mães de famílias, parece óbvio falarmos disso, mas queremos chamar atenção a vida externa do professor que ode refletir na vida profissional, ressaltando principalmente a sobrecarga de trabalho que tantas vezes sabemos é comum a tantos professores.

A qualidade de vida dos docentes relaciona-se com o profissional que se é exigido. Dizemos isso a partir do que observamos no trabalho livro *Profissão Professor*, entre *Prometeu*, *Ulisses*, *Édipo* e ... a *Síndrome de Burnout* dos autores: Ada Augusta Celestino Bezerra; Maria de Lourdes Santos Figueiredo Leite; Giselle Santana Dosea; Tarcísio Brandão Lima, que se encontra também nas referências do nosso trabalho. Um dos capítulos do livro traz esse tópico *Qualidade de vida de docentes e sua relação com a qualidade da educação básica* onde os autores mostram a importância de nos atentarmos a isso:

Dentre as condições que convivem com a modernidade, especialmente na educação, destaca-se a realidade de professores das áreas rurais de diversos municípios, vivendo e trabalhando em condições subumanas; até na zona urbana os salários insuficientes impulsionam os docentes a três turnos de trabalho para garantia mínima e digna de sobrevivência. Assim, estabelece-se um círculo vicioso entre a insuficiente formação, os baixos salários e a improdutividade do sistema educacional (...)

(BEZERRA et al., 2015, p.42)

Dos entrevistados, 3 professores são de Matemática, graduados nos anos de 2002 a 2006, 2 são de geografia, 1 graduado no ano de 1991 e outro em 2012), 1 de Letras-Inglês, graduado em 1987, 1 entrevistado possui graduação em Direito (1991) e Filosofia graduado em 2012, e a diretora da escola é formada em Estudos sociais em 1998. Observa-se que a maioria dos professores possui mais de 10 anos de formados, entendemos que a formação continuada mostra-se uma alternativa necessária, uma vez que profissionais da educação tem a necessidade de estar inseridos em atualizações constantes.

Visualizamos isso também quando em suas pós-graduações que possuem mais de 9 anos de conclusão (de 2005 a 2007) com exceção de apenas 1 que concluiu o mestrado em 2015. Para a questão 6 do questionário, 6 possuem pós-graduação, e 2 não responderam. Na questão 7, 7 trabalhavam e estudavam enquanto graduandos, na questão 8, também 7 afirmam ter participado de eventos na universidade, e na 9ª questão, 6 participaram de algum grupo de pesquisa ou de discussão na universidade/faculdade e 2 não participavam. Essas respostas são úteis para nós quando queremos reafirmar que há necessidade de rigor na formação do professor seja na graduação ou na formação continuada que pode ser considerada essencial para os professores, ao longo do diagnóstico poderemos ressaltar ainda mais essa afirmação.

Como é comum a tantos trabalhos, buscamos aqui também traçar um perfil dos entrevistados para que se possamos entender algumas das variáveis que embasam as propostas do deste Plano de Intervenção, e como foi descrito acima, com uma amostra de apenas 8 isso se torna um pouco limitado, contudo, percebemos alguns traços de similaridade desses perfis com o que pode já existir na literatura.

2.3 QUANTO A ATUAÇÃO COMO PROFESSORES

Entender um pouco acerca de como o professor se vê também uma característica fundamental para o sustento desse trabalho, pois assim podemos compreender a realidade da escola a partir dos posicionamentos dos professores, idealizando sempre professores atuantes. A maioria dos professores possui mais de 10 anos de atuação na área, sendo apenas 1 entre 1 a 5 anos e 1 entre 5 a 10 anos de atuação. Querendo saber sobre o sentimento dos professores no *Ser professor*, partido do questionário pudemos observar que o interesse em ser professor sempre existiu para 3 professores, mais 3 professores

afirmam ter escolhido a profissão por outros fatores e apenas 2 afirmam que se inspirou em exemplos de professores e por incentivo da família. Essa questão mostra-se interessante já que fazer o que gosta reflete na boa atuação do profissional, com já foi discutido na fundamentação teórica.

Quando perguntamos no questionário como o professor entende seu papel dentro e fora da sala de aula, quisemos ter noção da consciência e posição que o professor apresenta e dessa forma pudemos observar que a maioria compreende que o professor deve ser mediador de conhecimento, formador, e ainda para alguns deve ser exemplo, líder tendo um professor que não respondeu a essa pergunta. Queremos evidenciar uma das respostas em que se consta como reposta para 12.1 (Dentro da sala de aula): “ *Procurar conhecer e identificar as expectativas e necessidades dos nossos alunos, propor oportunidades educativas capazes de ajudá-los no cotidiano.*”(Entrevistado 2). Observamos portanto que a maioria do professores demonstram ter consciência da importância do papel que desempenham e isso é com certeza algo bem positivo pra qualquer proposta de mudança que se queira levar para escola.

Como já foi discutido na fundamentação teórica a realidade em que a desvalorização do professor é bem recorrente, pudemos observar o mesmo para este pequeno grupo de entrevistado em que 6 responderam se sentir desprestigiado profissionalmente e os motivos são os mais esperados possíveis compreendidos em salário, falta de reconhecimento da sociedade, falta de incentivo e nós queremos ressaltar os motivos falta de segurança, ambiente de trabalho desfavorável e falta de apoio administrativo de instituições educacionais. Com a mesma linha de pensamento perguntamos o é considerado importante para cada um para se sentir prestigiado e as respostas giraram em torno principalmente de salário, ambiente de trabalho e reconhecimento. Dessa forma com uma questão pudemos responder à outra, completando-se na falta e necessidade. E, na questão “salários” a maioria possui salários abaixo de R\$ 3.000,00.

Os professores entrevistados parecem ser bem familiarizados com seu ambiente de trabalho, com a escola, apenas 1 possui menos de 1 ano de atuação na escola enquanto a maioria possui de 5 a 10 anos. Muitos destes trabalham no nos dois níveis de ensino, médio e fundamental e todos mantêm uma relação saudável com os colegas de trabalho pois compartilham experiências e se ajudam no cotidiano escolar, como demonstram no

questionário. É curioso ao mesmo tempo o que observamos no regimento da escola que traz em um diagnóstico que compõe parte do seu Regimento escolar o seguinte:

A partir de informações sobre o desempenho dos alunos no ano de 2013 a 2014, como também com base em avaliações dos docentes e resultados obtidos nos vários setores de atuação da unidade, constatou-se:

1. Trabalho docente individualizado; (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 2)

Os principais problemas enfrentados na escola são expostos na questão 16.3, apenas um entrevistado não respondeu, mas a maioria diz ser o desinteresse dos alunos, do poder público, falta de incentivos, com enfoque a falta de segurança, indisciplina dos alunos, falta de apoio da família. A vista disto ressalta-se que as respostas dessa questão estão em consonância com os motivos que fazem os mesmos professores se sentirem desprestigiados.

2.4 QUANTO À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Fazer o diagnóstico nessa perspectiva é imprescindível para que pudéssemos chegar o mais próximo possível da realidade da escola, principalmente nesse aspecto “violência”. Nesse sentido quisemos ter essa percepção através do ponto de vista do professor e no questionário foi dedicado um tópico com um conjunto de 9 perguntas. Já na primeira pergunta desta sessão do questionário perguntamos se o professor já foi vítima ou presenciou algum caso de violência na escola e que nos contasse um pouco, e dos 8 entrevistados, 5 disseram que não e 3 disseram já ter sofrido. Entre os depoimentos escritos percebe-se que o tipo de violência mais comum é caracterizada por agressões verbais e chamamos atenção ainda para um dos entrevistados, a diretora especificamente, que disse que: *“Certa vez, um aluno durante a aula me chamou e mostrou um revólver afirmando que aquela arma era para matar uma professora”*(Entrevistado 2). Esse tipo de experiência é alarmante para qualquer realidade escolar, já que o ideal seria que nem se existisse ao menos dentro da escola. Esse dado, quanto a maioria dizer não ter sofrido ou presenciado nenhum tipo de violência, mostra-se curioso e de certa forma abrangente na discussão, ainda mais quando recordamos que acima ainda no diagnóstico já foi percorrido a partir dos questionários que um dos problemas mais recorrentes na escola é a insegurança

como os próprios entrevistados afirmaram. É válido ressaltar ainda que no próprio PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA (2015, p. 21 e 22) é diagnosticado que:

Os alunos preferem na TV filmes com bastante violência e futebol. Já as alunas preferem, facebook, novelas, desenho infantil, desenho animado. No rádio, a preferência é dada a programas policiais onde é evidenciada a violência entre pessoas, divulgando acidentes, mortes, etc.

Deste modo, seria preciso saber o que é violência para cada um desses profissionais e pudemos ter essa resposta na questão seguinte.

Logo em seguida, onde se pergunta *O que você considera violência*, a maioria quase que todos afirmam serem agressões físicas e verbais, outros dizem também ser falta de respeito, falta de ética a pessoa humana, ameaças e houve uma resposta que consideramos vaga: *“Aquilo que não é convencional”* (Entrevistado 8). Percebe-se que o que pode ter influenciado os entrevistados na primeira pergunta, seja a idéia de violência ser associada exatamente a alguma agressão física. Entendemos, no entanto, que a violência na escola, de qualquer forma deve ser evitada, e não remediada, a violência física pode ser considerada o estágio mais avançado da agressão que geralmente se inicia com agressões verbais que hora ou outra é menosprezada. Novamente, ressaltamos a necessidade de iniciativas que promovam também essa consciência ao se identificar e evitar a violência na escola.

Após a questão¹ anterior encontra-se a pergunta: Como acha que a violência na escola pode ser enfrentada? E as respostas obtidas endossaram o que já temos abordado, pois disseram que pode ser enfrentadas com palestras, conscientizações, estreitar a relação família-escola buscando levar a família a participar mais. No atentamos também a esta afirmação: *“Medidas enérgicas”* (Entrevistado 5). Seria interessante ter mais idéia do que

¹ Antes de prosseguirmos, gostaríamos de atentar a um pequeno equívoco na numeração das perguntas do questionário nesta sessão, Violência na escola, onde a sequência como está se encontra dessa forma: Questão 17, 18, 19 e 18 novamente, o correto seria: Questão 17, 18, 19 e 20 chegando até a questão 25 como consta no questionário corrigido (APÊNDICE 1).

seria essa medida, onde para nós ela demonstra um perfil punitivo, nos mostrando que isso também precisa ser corrigido. Em consonância com as outras questões, quisemos saber para cada um quais seriam os tipos de violência na escola. Novamente, foram relatadas agressões físicas e verbais, falta de respeito entre alunos, e ainda foi levantado o bullying, humilhação e falta de zelo pelo patrimônio público. Fazendo-nos acreditar que há também um discernimento enraizado. Pudemos perceber e reafirmar com algumas respostas das questões que seguem.

Constamos que todos os professores dizem se vê como parte importante no enfrentamento da violência na escola. A maioria diz conhecer o ECA com exceção apenas de um entrevistado. Seis pessoas dizem já ter participado de alguns cursos, evento ou palestra com a temática violência na escola. A maioria também diz existir enfrentamento na escola e que já participou de alguma palestra na escola nessa temática. À vista disso, percebemos que há resultados positivos, principalmente quando o professor se vê parte, conhece o ECA e diz que na escola há enfrentamento. Precisamos saber, no entanto, como de fato é esse enfrentamento e como os conhecimentos que o professor afirma possuir a respeito do ECA influencia em suas práticas. Esses pontos no recorre por certa vez em um dos módulos anteriores desta pós-graduação, termos feitos um trabalho em que buscamos visualizar como era a relação da escola com outros órgãos de enfrentamento de violência, como por exemplo, com o conselho tutelar e percebemos que quase nunca este é acionado ou trabalham juntos, ou desenvolvem algum projeto. Sendo assim possivelmente uma outra observação mais detalhada seria necessária, contudo já temos uma boa ciência do retrato, aqui considerável, da escola, e dos seus agentes, professores.

Como já dissemos anteriormente no tópico 2.1, e aqui queremos ressaltar: É comum a tantos trabalhos, buscamos aqui também traçar um perfil dos entrevistados para que se possa entender algumas das variáveis que embasam as propostas do deste Plano de Intervenção, e como foi descrito acima, com uma amostra de apenas 8 isso se torna um pouco limitado, contudo, percebemos alguns traços de similaridade desses perfis com o que pode já existir na literatura. De modo algum queremos desconsiderar os dados obtidos por não termos obtidos uma amostragem maior, obviamente que a precisão e exatidão de considerarmos exatamente todos os professores que seriam alvos desta pesquisa ficam diminuídas.

CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO

Diante de tudo que foi analisado no diagnóstico e argumentado na fundamentação e no todo discorrer deste trabalho, o plano de intervenção de apresenta como alternativa real de ser executada e de ser uma perspectiva positiva quanto ao enfrentamento da violência na escola.

No diagnóstico percebe-se que há lacunas quanto à identificação do que seria violência, e da pouca discussão que se existe na escola sobre essa temática. Nota-se ainda que há falhas na integração das redes de proteção à criança e adolescentes. E é dessa forma que vemos como medidas de ação para preenchimento dessas lacunas, sugestões como:

- Promoção de ao menos um evento anual que promova discussão sobre o assunto: Violência na escola que envolvam a comunidade e todos da escola;
- Palestras informativas;
- Mini-cursos de capacitação de professores, com a temática que pode ser ministrados pela própria equipe do Conselho Tutelar da cidade;
- Palestras com temas que tenham abrangência ao ECA, Identificação e violência na escola, Adolescentes, Funcionamento do Conselho Tutelar, Na prática como se reagir aos casos de violência, Bullying as quais poderiam ser ministradas por Profissionais que sejam das áreas da educação, serviço social, pedagogia, psicologia, direito, conselho tutelar;
- Promover eventos culturais que integrem mais a comunidade à escola;
- Promover uma maior participação do Conselho Tutelar no cotidiano, como visitas periódicas de ao menos uma vez por mês, com o intuito de acompanhar e dar suporte.

Esse tipo de Intervenção, inicialmente tem caráter educativo, uma vez que para todo o desenvolvimento do plano será necessário certo nível de conhecimento sobre o assunto. Pretende-se até, e isso fará parte do plano, a divulgação do presente trabalho na escola, para que de início, todos percebam que sua escola vem sendo estudada e motivo de interesse em busca de melhorias.

Em uma das metas que se encontra no documento PPP – Regimento Escolar, tem-se:

Meta – 10

Oportunidade de participação na atualização e reciclagem pedagógica dos envolvidos no processo.

Ações

- Reunir profissionais para discussão de novos textos pedagógicos;
- Orientar o pessoal de apoio e administrativo para desenvolver nova postura de âmbito afetivo, emocional, social, perante o aluno;
- Incluir o pessoal de apoio e administrativo à nova concepção de educação através de conversas informais, reuniões e filmes educativos referentes ao tema abordado. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA, 2015, p. 32)

Isso nos faz crer que o plano é uma alternativa real de ser executada. E todo tipo de informação que se some a concretização será bem vinda, como a divulgação e reforço das ações que já contém no próprio documento da escola.

Já existe na escola onze projetos, como pode ser conferido abaixo de acordo com Projeto Político Pedagógico e Regimento e o Colégio Gov Lourival Baptista (2015, p. 37) :

1. Projeto Reforço e Recuperação da aprendizagem e orientação de estudos, com caráter de enriquecimento e de elevação de auto-estima.
2. Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, trabalhando de acordo com os Parâmetros Nacionais e os Temas transversais. São desenvolvidos com objetivos de alertar e prevenir diversas doenças, visando saúde e bem estar.
3. Projeto Estudo do Meio, em que o aluno participa de atividades extra-classe com o objetivo de conhecer e valorizar os elementos da natureza, seus aspectos científicos, sua história e sua geografia.
4. Projeto Cinema Literário na Escola, "PRIMAVERA LITERÁRIA" com o objetivo de contribuir para a formação de leitura eficaz de obras literária, incentivar a leitura e interpretação de obras literárias, Trabalhar a interpretação, desenvolver o interesse por textos literários e aperfeiçoar a visão crítica sob diversas realidades.
5. Projeto de Redação com objetivo de desenvolver técnicas e estratégias para a produção de textos legíveis, claros e objetivos.

6. Projeto “Excursão ao Patrimônio Histórico e Arquitetônico de Penedo _AL”, com o objetivo de contribuir para uma interpretação eficaz sobre o patrimônio histórico ,incentivar o gosto pelo acervo cultural, trabalhar os vários estilos arquitetônicos ,desenvolver o interesse e aperfeiçoar a visão crítica sobre as diversas realidades.
7. Projeto Coral Natalino, com o objetivo de desenvolver talentos e despertar o espírito natalino de fraternidade e alegria.
8. Projeto Hino Nacional, com o objetivo de despertar a cidadania através do conhecimento profundo da letra do hino nacional, assim como o ato civil que o envolve.
9. Projeto Teatro na Escola, com o objetivo de incentivar o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política pertinente à História do Brasil;
10. Projeto Rádio-Escola, com o objetivo de ampliar a possibilidade de entretenimento, cultura e informação no período dos intervalos, dentro do ambiente escolar.
11. Projeto Gincana Cultural Recreativa e Beneficente, com o objetivo de incentivar o interesse pela pesquisa, estimular o convívio fraterno e solidário com os mais carentes, criar oportunidades para o exercício de uma consciência crítica diante das dificuldades enfrentadas e proporcionar aos alunos atividades recreativas de lazer e descontração.

O primeiro passo seria, identificar quais os projetos que de fato são executados, quando e como são. A partir daí poderemos ter noção de materiais disponíveis, espaços que podem ser utilizados, calendário a ser ajustado à uma nova atividade (Plano de Intervenção) ou seja de quais recursos se dispõe.

Sendo assim o Plano de Intervenção foi pensado com esse cuidado ao buscar limitar coerentemente as necessidades e a realidade da escola, onde tempo, espaço físico, demanda de pessoal foram considerados. A seguir, na próxima página, isso pode ser conferido com mais detalhes.

De modo geral segue abaixo uma tabela que poderá ser utilizada para orientação e cronograma para a execução das atividades.

PERÍODO	ATIVIDADE – AÇÃO	RECURSO	TEMPO PARA CONCLUSÃO
Fevereiro	Entrar em contato com a direção para discutir viabilizações para o trabalho	Humano	Um dia
Fevereiro	Reunião com professores para divulgação da pesquisa e do plano a ser executado analisando o cronograma da escola	Humano	Mobilização- uma semana Execução- um dia
Março	Início da divulgação do evento	Humano	Um mês
Março	Entrar em contato com os profissionais que participarão do evento	Humano	Uma semana
Março	Fazer levantamento de espaços e materiais a serem utilizados no evento	Humano	Uma semana
Abril	Reunião com professores para definir horários e profissionais que participaram o Evento além do andamento dos trabalhos para a execução do Plano	Humano	Mobilização- uma semana Execução- um dia
Abril	Mobilização e divulgação para alunos e comunidade	Humano	Um mês
Início de maio	Capacitação de professores	Humano, espaço físico (sala de aula), lanche, datashow, pastinhas, folhetos, caneta	Providencias de recursos -Uma semana Execução do mini-curso – um dia
Maio	Evento	Humano, espaço físico (pátio), estrutura para peças de teatro, lanche, datashow, pastinhas, folhetos, caneta.	Providencias de recursos - um mês Execução do evento
Segundo semestre	Avaliação	Humano	Um mês

Tabela 3. Proposta de execução de atividades na escola.

Com aplicação do plano espera-se futuramente fazer um novo estudo em que se tenha resultados diferentes e positivos quanto ao enfrentamento da violência. Pretende-se buscar na escola possíveis alternativas que funcionem também em outras e que novas sugestões surjam onde a integração de escola-comunidade e toda a rede de proteção seja uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que um estudo de caso é o primeiro passo a ser dado no desenvolvimento de alternativas que preencham lacunas dos problemas que se encontram na realidade escolar. Para o enfrentar o desafio de extinguir a violência na escola torna-se possível quando há cooperação e se investe na formação dos professores e dos agentes educacionais.

A partir desse estudo nota-se que não muito diferente do que já se tem visto na literatura, a violência na escola é um tema que precisa ser discutido e trabalhado com constância em todos os níveis que compõe a educação, sendo aqui enfatizados os professores os quais se mostram também possíveis agentes diretos nesse enfrentamento ao mesmo tempo buscando unir cada vez mais os órgãos de proteção da criança e do adolescente. E promover ações educativas que informem e abram espaços de discussão revela uma alternativa sólida nesse contexto.

O presente trabalho terá uma maior contribuição quando for divulgado e executado de fato, tornando concreta a aplicação do Plano de Intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

BEZERRA, Ada Augusta Celestino; LEITE, Maria de Lourdes Santos Figueiredo; DOSEA, Giselle Santana; LIMA, Tarcísio Brandão. Profissão Professor: entre Prometeu, Ulisses, Édipo e... a Síndrome de Burnout. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. Adolescência e Psicologia Concepções, práticas e reflexões críticas. Ministério da Saúde. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2002. Disponível em : < https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert_-_Leila_Oliveira.pdf?1334233250 > . Acesso em: 16 ago. 2015.

CUNHA, Josafá Moreira da; WEBER Lidia Natalia Dobrianskyj. Enfentamento a violência na escola. Série Cadernos Temáticos. Governo do Estado do Paraná. Secretaria do Estado da Educação. Curitiba, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1203-1230, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GADOTTI, Moacir. Qualidade na educação: uma nova abordagem. Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. Disponível em:

<<http://www.aconchegodf.org.br/biblioteca/artigos/artigo01.pdf>> . Acesso em: 12 out. 2015.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E REGIMENTO DO COLÉGIO GOV LOURIVAL BAPTISTA: Secretaria do Estado da Educação – DRE – 07. Sergipe. 2015.

SCHILLING, Flávia. Enfrentamento a violência na escola. Série Cadernos Temáticos. Governo do Estado do Paraná. Secretaria do Estado da Educação. Curitiba, 2010.

Ser professor: uma escolha de poucos. Revista Nova Escola, São Paulo, jan/fev. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2015.

SILVA, Priscila Soares; BEZERRA, Daniela Moura; SILVA, Williams Souza. ESTRUTURA-GUIA PARA A ELABORAÇÃO DA AULA IMPRESSA. CESAD. Aracaju: 2015.

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Curso de Especialização em Direitos Infância-Juvenil no Ambiente Escolar
(Escola que Protege)



QUESTIONÁRIO CORRETO

Dados pessoais

1) Nome: _____

2) Idade: _____

3) Onde mora: _____

4) Estado civil: Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a) () Separado(a) ()

Formação acadêmica:

5) Graduação: qual curso? Estudou em qual instituição? Ano de entrada e ano de obtenção do diploma. _____

6) Se tem pós-graduação: qual curso? Estudou em qual instituição? Ano de entrada e de obtenção do diploma. _____

7) Trabalhava e estudava ao mesmo tempo? () Sim () Não, só estudava.

8) Participava dos eventos na universidade? () Sim () Não, só frequentava as aulas.

9) Participou de algum grupo de pesquisa ou de discussão na universidade/faculdade? () Sim () Não

Atuação como professor(a)

10) Desde que ano atua como professor(a)?
() Menos de 1 ano () Entre 1 a 5 anos () Entre 5 a 10 anos
() Mais de 10 anos

11) Como surgiu o interesse em ser professor(a)?
() Sempre quis () Exemplo de professores () Incentivo da família, amigos
() Falta de opção () Outros fatores _____

12) Como entende o papel do professor dentro e fora da sala de aula?
12.1) Dentro da sala de aula: _____
12.2) Fora da sala de aula: _____

13) Você se sente desprestigiado(a) profissionalmente?
() Sim () Não

Por quê? _____

14) O que você considera mais importante para um professor(a) se sentir prestigiado(a)?
() Salário () Ambiente de trabalho () Reconhecimento
() Perspectiva de crescimento profissional () Outros. Qual? _____

15) Qual sua renda mensal líquida, como professor? R\$ _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Curso de Especialização em Direitos Infância-Juvenil no Ambiente Escolar
(Escola que Protege)



16) Tempo de atuação na escola atual?
() Menos de 1 ano () Entre 1 a 5 anos () Entre 5 a 10 anos
() Mais de 10 anos

16.1) Quais séries atua?
() Fundamental menor () Ensino médio () Os dois níveis citados

16.2) Como você avalia sua relação com alunos, professores e coordenação?
() Não me relaciono muito, apenas vou para as aulas () Compartilhamos experiências
() Nos ajudamos no cotidiano escolar () Passivos

16.3) Na sua opinião, quais os principais problemas enfrentados pela escola? _____

Violência na escola

17) Você já foi vítima ou presenciou algum caso de violência na escola?
Sim () Não ()

Conte-nos sucintamente: _____

18) O que você considera violência?

19) Como acha que a violência na escola pode ser enfrentada?

20) Para você, quais são os "tipos" de violência na escola?

21) Você se vê como parte importante no enfrentamento da violência na escola?
Sim () Não ()

Justifique: _____

22) Conhece o ECA? () Sim () Não

23) Já fez algum curso, ou participou de eventos, palestras nessa temática (violência na escola)?
Sim () Não ()

24) Como a escola em que você trabalha lida com problemas como este (violência)?
() Já enfrentamento () Passivos

25) Já participou de alguma palestra na escola com esta temática (violência na escola)?
Sim () Não ()